

## RESENHA

ELIADE, Mircea. Rites and Symbols of Initiation: The Mysteries of Birth and Rebirth. Tradução de Willard R. Trask. New York: Harper & Row, Publishers, 1958.

Cídio Lopes de Almeida  
[sem revisão por pares]

### Resumo

O texto explora o conceito de iniciação em diversas culturas e períodos históricos, desde ritos tribais até manifestações em sociedades modernas. Ele detalha as estruturas e simbolismos comuns aos ritos de passagem, como a morte ritual, o retorno ao útero e o renascimento, que transformam o iniciante de um estado profano para um sagrado. A obra compara rituais de iniciação de meninos e meninas, notando suas particularidades, e analisa a complexidade das iniciações heroicas e xamânicas, que envolvem provações e a aquisição de poderes sobrenaturais. Finalmente, o texto traça a sobrevivência de motivos iniciáticos no cristianismo e na cultura contemporânea, mesmo quando seu significado religioso original é atenuado ou esquecido.

### **Anotações sobre *Ritos e Símbolos de Iniciação: Os Mistérios do Nascimento e Renascimento* da autoria de Mircea Eliade.**

A obra *Ritos e Símbolos de Iniciação: Os Mistérios do Nascimento e Renascimento*, de Mircea Eliade, traduzida do francês por Willard R. Trask e publicada em 1958, embora reimpressa em 1975, constitui um estudo na área da história das religiões, propondo uma interpretação dos ritos de iniciação como um fenômeno espiritual universal na história da humanidade. Eliade argumenta que, em sociedades tradicionais, a iniciação não é meramente um conjunto de rituais sociais, mas uma experiência religiosa que provoca uma alteração decisiva no status existencial do indivíduo, conduzindo-o a um "outro" modo de ser, qualitativamente diferente daquele que possuía antes. Esta transmutação, central para a compreensão do homem pré-moderno, é caracterizada por um processo de morte simbólica e subsequente ressurreição ou novo nascimento, marcando o fim da infância, da ignorância e da condição profana para dar acesso à vida espiritual e cultural.

Eliade estabelece uma taxonomia de três categorias principais de iniciação: os ritos de puberdade, obrigatórios para todos os jovens da tribo, os ritos de entrada em sociedades secretas, geralmente opcionais e para grupos menores, e as iniciações xamânicas ou místicas, que implicam uma vocação espiritual intensa e individual. Apesar

das variações culturais e sociais, o historiador das religiões revela um denominador comum estrutural entre todas elas: a morte iniciática e o subsequente renascimento. Nos ritos de puberdade, exemplificados por cerimônias australianas como as dos *Kurnai*, *Yuin* e *Wiradjuri*, o rompimento com o mundo materno e profano da infância é violento e dramático, muitas vezes associado ao som aterrorizante dos zunidores (*bull-roarers*), que simbolizam a voz de divindades ou seres míticos que "matam" os neófitos. As provações físicas, como a extração de dentes, a circuncisão e a subincisão (esta última carregada de simbolismo de bissexualidade e valor do sangue), o jejum, o silêncio, a escuridão e a restrição da visão, não são meros testes de resistência, mas experiências que preparam espiritualmente o noviço para a vida adulta e para a compreensão do caráter sagrado do mundo. A segregação em cabanas ou na mata, interpretada como um retorno ao caos primordial ou ao estado fetal, reitera a ideia de que o noviço morre para sua condição profana e renasce como um novo ser, acessível aos valores culturais e espirituais da tribo.

As iniciações de meninas, embora menos estudadas e menos dramáticas que as dos meninos, também envolvem segregação, geralmente no primeiro período menstrual, e focam na revelação da sacralidade feminina, da fecundidade e das responsabilidades no cosmos e na sociedade. No entanto, Eliade ressalta que, ao contrário das masculinas, as iniciações femininas não se baseiam em um mito de origem que revele um evento primordial ou um Ser Divino, mas sim na compreensão de um fenômeno aparentemente natural – a menstruação – em seu sentido secreto e sagrado.

Nas sociedades secretas, a intensidade e a dramaticidade dos rituais aumentam significativamente, com provações mais severas, torturas e a predominância do culto aos Ancestrais, muitas vezes personificados por máscaras. O caso dos *Kwakiutl* e suas Sociedades de Dança exemplifica a busca por uma participação mais profunda no sagrado, onde o noviço é "possuído" por espíritos, experimenta uma dissolução da personalidade e, em casos extremos como o canibalismo ritual, atinge a divinização. Este é um passo além dos ritos de puberdade, mostrando um desejo de aprofundar a experiência religiosa e o conhecimento, muitas vezes influenciado pelo xamanismo, que é o paradigma do "homem de poder".

As iniciações heroicas e xamânicas representam as formas mais especializadas e intensas de iniciação, destinadas a indivíduos com vocações ou dons extraordinários. Nas iniciações heroicas, como a saga de Maui, a descida ao submundo ou a passagem por "*Simpégades*" (rochas que se chocam), simboliza a conquista da imortalidade corporal e o não mais temer a morte. O "furor *berserker*" (*wut*), característico dos guerreiros

germânicos, é um exemplo da transmutação da humanidade através de uma fúria mágica e avassaladora, que os assemelha a feras e os torna invulneráveis. No xamanismo, a vocação é frequentemente manifestada por uma "doença iniciática" que leva à desintegração da personalidade e até à loucura, interpretada como uma morte mística e um retorno ao caos pré-cosmogônico, antes de uma ressurreição que confere ao xamã novos poderes e um novo equilíbrio psíquico. O desmembramento do corpo pelos espíritos, a redução ao estado de esqueleto, a substituição de vísceras e a ascensão ao Céu pela Árvore do Mundo ou por um poste sagrado, são motivos recorrentes que atestam a transmutação ontológica do xamã, que agora pode comunicar com deuses e espíritos.

Eliade prossegue demonstrando como esses padrões arcaicos de iniciação foram revalorizados em religiões mais complexas. Na Índia, o rito de *upanayana* confere o status de "duas vezes nascido" (*dvi-ja*) aos membros das castas superiores, marcando um nascimento espiritual. O *diksha* e o *hiranyagarbha* são exemplos de rituais de retorno ao estado fetal ou embrionário, onde o oficiante se torna um "embrião de ouro", simbolizando a regeneração e a participação na imortalidade. O Tantrismo e a Yoga, com suas técnicas de fisiologia mística e meditação, buscam a abolição da condição humana e a obtenção de um "corpo divino" através de uma "morte mística" e do entendimento do "vazio" universal, demonstrando como a iniciação se torna um instrumento de conhecimento e libertação.

Na Grécia Antiga, embora os ritos de puberdade históricos tivessem perdido parte de sua aura religiosa, mitos e lendas, como os de Teseu e Aquiles, ainda preservam traços de cenários iniciáticos arcaicos, incluindo descidas ao submundo e provações de coragem. Os Mistérios de Elêusis e os cultos helenísticos, como os de Ísis e Mitra, reatualizavam mitos divinos de morte e ressurreição, permitindo aos *mystai* (iniciados) uma "morte voluntária" e um "nascimento espiritual" (*natalem sacrum*), que os elevava a um status quase divino e lhes assegurava uma existência privilegiada após a morte. Eliade destaca que essas experiências religiosas pessoais preenchiam uma necessidade que os cultos públicos estatais não podiam satisfazer, preparando o terreno para o sucesso do cristianismo.

O cristianismo primitivo, embora não se baseasse nos mistérios pagãos, possuía elementos iniciáticos claros, como o batismo e a eucaristia. O batismo, um "dom gratuito de Deus", simboliza uma nova vida "da água e do Espírito" e uma morte mística e ressurreição em Cristo. A eucaristia, por sua vez, permite ao cristão participar do corpo e sangue de Jesus. Com o tempo e sua universalização, o cristianismo incorporou a

linguagem e a imagética dos mistérios helenísticos e da filosofia grega, revalorizando símbolos arcaicos como a Árvore Cósmica e o centro do mundo (representados pela Cruz) e enfatizando a função iniciática do batismo com imagens de túmulo e útero. A constituição de uma "disciplina arcana" (ensino secreto) no século IV d.C. evidencia a vitória da ideia de mistério e segredo dentro do cristianismo, assim como ocorria em outras religiões iniciáticas.

Finalmente, Eliade explora a sobrevivência dos padrões iniciáticos na Europa cristã e no mundo moderno, mesmo que desacralizados. Cerimônias de puberdade rurais, organizações militares juvenis e as guildas de artesãos medievais ainda reproduzem estruturas iniciáticas. A alquimia, por exemplo, aplicou o padrão de tortura, morte e ressurreição à substância mineral em seu *opus alchymicum*, buscando a transmutação e o "aperfeiçoamento" dos metais em ouro, refletindo uma soteriologia cósmica. Na literatura, os motivos iniciáticos proliferam em romances arturianos e contos de fadas, onde as provações dos heróis (travessias perigosas, descidas ao além, confrontos com monstros) traduzem um psicodrama universal, que satisfaz uma profunda necessidade humana de experimentar situações perigosas e ser regenerado através delas.

Para o homem moderno, desprovido de ritos iniciáticos tradicionais significativos, esses padrões persistem no inconsciente, manifestando-se em sonhos, na atividade imaginativa e nas crises espirituais da vida. Eliade argumenta que a vida humana genuína implica "mortes" e "ressurreições" contínuas, e que a ânsia por uma renovação total, por um "nascimento" para uma vida mais significativa, é um desejo profundo e atemporal. Mesmo que as seitas ocultistas e grupos *pseudo-iniciáticos* modernos exibam uma "pobreza espiritual deplorável", seu sucesso revela a necessidade humana indomável de iniciação, regeneração e participação na vida do espírito.

Eliade conclui que a iniciação é uma dimensão coexistente com toda e qualquer condição humana, pois é nela que a morte adquire um valor positivo, preparando um novo nascimento puramente espiritual e o acesso a um modo de ser não sujeito à ação destrutiva do Tempo. O homem, para ser verdadeiramente homem – um ser espiritual –, não é um produto natural, mas é "feito" pelos mestres em conformidade com modelos revelados por Seres Divinos ou ancestrais míticos. Esta obra, portanto, é um argumento em favor da universalidade e da persistência da estrutura iniciática como a via fundamental para a transmutação ontológica e a plena realização da existência humana em seu sentido mais sagrado e transcendente.